



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
LICENCIATURA PLENA EM GEOGRAFIA**

**A TRANSFERÊNCIA DA FEIRA LIVRE DE SUMÉ-PB E AS
REDEFINIÇÕES TERRITORIAIS DA CIDADE**

IVANILDO RIBEIRO NECO

CAMPINA GRANDE

SETEMBRO 2011

IVANILDO RIBEIRO NECO

**A TRANSFERÊNCIA DA FEIRA LIVRE DE SUMÉ-PB E AS
REDEFINIÇÕES TERRITORIAIS DA CIDADE**

Artigo apresentado ao curso de Licenciatura Plena em Geografia da Universidade Estadual da Paraíba-UEPB, como cumprimento às exigências legais para obtenção do grau de licenciado em Geografia

Orientador: Prof. Ms. ALDO GOMES LEANDRO

CAMPINA GRANDE – PB

2011

S586r Neco, Ivanildo Ribeiro.

A transferência da feira livre de Sumé-PB e as redifinições territoriais da cidade [manuscrito]: / Ivanildo Ribeiro Neco. – 2011.

27 f. : il. color.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia) – Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2011.

“Orientação: Prof. Me. Aldo Gomes Leandro, Departamento de Geografia”.

1. Reurbanização 2. Feira Livre 3. Espaço Urbano I.
Título.

21. ed. CDD 711.4

IVANILDO RIBEIRO NECO

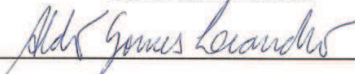
**A TRANSFERÊNCIA DA FEIRA LIVRE DE SUMÉ-PB E AS
REDEFINIÇÕES TERRITORIAIS DA CIDADE**

Artigo Científico apresentado ao curso de
Licenciatura Plena em Geografia da
Universidade Estadual da Paraíba-UEPB,
como cumprimento às exigências legais
para obtenção do grau de licenciado em
Geografia

Orientador: Prof. Ms. Aldo Gomes Leandro

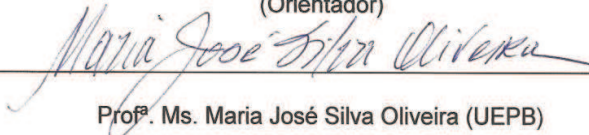
Aprovado em, 30 / 11 / 2011

Banca examinadora



Prof. Ms. Aldo Gomes Leandro (UEPB)

(Orientador)



Prof^a. Ms. Maria José Silva Oliveira (UEPB)

(Examinador)



Prof. Dr. Xisto Serafim de Santana Souza Júnior (UFCG)

(Examinador)

AGRADECIMENTOS

Em especial obrigado MEU DEUS.

Meus cumprimentos ao professor orientador Aldo Gomes Leandro que me ajudou a desenvolver este trabalho acadêmico, com quem divido os méritos dessa conquista.

Agradeço aos professores do curso de Geografia da UEPB que sempre estiveram comprometidos com ensino de qualidade na formação acadêmica. Muito obrigado.

Agradeço aos meus colegas de turma com os quais tive o prazer de conviver em perfeita harmonia e amizade, com grande orgulho e satisfação. A todos vocês, muito obrigado, “galera”!

Meus companheiros de viagem, em especial a grande amiga e conselheira Elidiane. Muito obrigado a todos vocês.

Agradeço com carinho aos meus conterrâneos, em especial aos que contribuíram para elaboração desse trabalho, muito obrigado

Agradeço a minha mãe Rita Ribeiro Neco e ao meu irmão Francisco pelo apoio e ensinamento durante minha vida. Esse trabalho é o resultado do esforço e dedicação como não somente como estudante, mas principalmente como filho. Agradeço a todos vocês por esta conquista, muito obrigado!

Ao meu Pai José Francisco Neco, meu maior mentor (In Memoriam).

RESUMO

NECO, Ivanildo Ribeiro. A transferência da feira livre de Sumé-PB e as redefinições territoriais da cidade. Artigo de Graduação em Licenciatura Plena em Geografia. UEPB/CEDUC/DG. Campina Grande-PB, 2011.

Este trabalho aborda a transferência da feira livre do município de Sumé-PB a partir de atuação do poder público e as redefinições territoriais da cidade decorrentes desse processo e seus rebatimentos sobre o circuito inferior da economia, atendendo às exigências da globalização. A metodologia utilizada pauta-se na revisão bibliográfica e pesquisa empírica, sendo realizada cobertura fotográfica, entrevistas e aplicados questionários com os feirantes. O deslocamento da feira livre para um novo local é uma ação conduzida pelo poder público que procura atender a interesses econômicos e políticos de grupos que buscam reorganizar o espaço urbano de Sumé-PB segundo uma nova identidade pautada no consumo, em detrimento da necessidade do conjunto da população local.

Palavras chaves: Feira livre, Reorganização do Espaço Urbano, Sumé-PB.

ABSTRACT

NECO, Ivanildo Ribeiro. The transfer of the fair free of Sume-PB and territorial redefinitions of the city. Article Undergraduate Full Degree in Geography. UEPB / CEDUC/DG,Campina-Grande-PB,2011.

This paper addresses the transfer of the street fair in the city of Sume-PB from acts of public authorities and territorial redefinitions of the city resulting from this process and its repercussions on the lower circuit of the economy and meet the demands of globalization. The methodology used was based on the literature review and empirical research, being conducted photographic coverage, interviews and questionnaires applied to the vendors. The displacement of the street fair to a new location is an action conducted by the government that attempts to respond to economic and political interests of groups that seek to reorganize the urban space of Sume-PB ruled according to a new identity in consumption at the expense of the need to set the local population.

Keywords: Fair free, Reorganization of Urban Space, Sume-PB.

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho aborda as transformações no espaço da feira livre no município de Sumé-PB a partir da influência do processo de globalização. Discutem-se as mudanças no circuito inferior da economia, ao qual está vinculada à feira, cuja manifestação remonta ao período colonial. As feiras do Nordeste contribuíram para a formação de diversos povoados e vilas que deram origem a várias cidades no país, constituindo, também, uma manifestação da cultura regional.

Discute-se o papel do Estado e do mercado nas transformações econômicas e territoriais da feira livre de Sumé, que possui características típicas das feiras do interior do Nordeste, tendo como referencial teórico Albuquerque (2003), Giovane Dantas (2007) e Marcio Sá (2011) que retratam as feiras respectivamente de Campina Grande-PB, Macaíba-RN e Caruaru-PE, feiras tradicionais da região nordestina, que vem sofrendo a influencia externa provocada pela globalização nos circuito inferior e superior da economia, desequilibrando as relações entre estes campos.

A feira livre de Sumé destaca-se por sua localização geográfica, atraindo pessoas de varias cidades, Monteiro-PB, Serra Branca-PB Camalaú-PB entre outros também é comum a participação de pessoas do Pernambuco. Nos últimos anos, vem sofrendo transformações, comercializando produtos rústicos e modernos no mesmo espaço da feira.

O interesse pela temática surgiu a partir da preocupação em compreender os impactos da globalização nas feiras dos pequenos municípios, em especial, nas feiras tradicionais, e como elas se adaptam a esta nova realidade.

A metodologia adotada pautou-se na utilização de questionário aplicado a 12% do total de feirantes, ou seja, 30 feirantes no universo de 246 feirantes O total de feirantes foi um dado obtido junto aos fiscais da prefeitura O questionário possui 8 perguntas de múltipla escolha, com cinco alternativas referentes ao perfil dos feirantes. Fez-se necessário revisão da literatura sobre o tema e pesquisa empírica, sendo realizadas coberturas fotográfica e cartográfica sobre o município de Sumé-PB.

A fundamentação teórica buscou-se tratar o tema feira livre relacionando-o às questões territoriais na reorganização dos espaços urbanos, conforme estudos de Santos, (2008) Albuquerque (2003).

Os resultados demonstram a perda da identidade da feira livre a partir de sua transferência do local central da cidade e como essa nova redefinição vem prejudicando a venda dos seus produtos mediante a guerra travada entre os circuitos econômicos com a participação do poder pública.

Nas considerações finais, aponta-se a perda da identidade dos feirantes e usuários devido à transferência do local original e questiona-se as possíveis soluções oferecidas ao pequeno empreendedor do circuito inferior pelo poder público local. Nesse aspecto, a feira do município foi bastante prejudicada nesta nova etapa de sua história.

2 A REORGANIZAÇÃO DAS CIDADES E A GLOBALIZAÇÃO

2.1 A feira livre e sua relação com as mudanças urbanas impostas pelo processo de globalização

No final do século XX, as redefinições territoriais impostas pelos processos de globalização no espaço urbano brasileiro são abordadas por geógrafos como Santos (2008) e Corrêa (1999). Nas cidades verificam-se mudanças na estrutura espacial da cidade, reorganizando a lógica da centralidade e as atividades de comércio e serviços. Nesse contexto, discute-se a importância das feiras livres, sobretudo no Nordeste brasileiro.

Na Idade Média, as feiras foram oficializadas. Na Europa estabeleceu-se que as regras de criação e funcionamento destas dependiam da intervenção e garantia do Estado, que atuava como disciplinador fiscalizador e cobrador de impostos. Assim,

Comércio na transição entre o modo de produção feudal e o surgimento do modo de produção capitalista na Europa tenha sido um dos elementos principais para o desenvolvimento dos

mercados periódicos e das grandes feiras. (MOTT, 1975 apud DANTAS, 2007, p.71).

A partir da Revolução Comercial no Século XVI, as feiras adquiriram notoriedade e firmaram-se entre as camadas mais populares em locais onde a população realizava trocas ou vendia seus produtos. No Brasil, há evidências de feiras livres desde os tempos da colonização:

No Nordeste a criação de animais quem deu inicio a ocupação fazendo surgir muitas dascidades existentes atualmente e criou uma das formas de comercio mais tradicionais e ainda hoje presente na região a feira”. (DANTAS, 2007, p.73)

Desta forma, pode-se definir a feira como:

“Atividade econômica inserida no campo terciário da economia urbana, a feira consiste em uma estratégia de sobrevivência para parcela significativa da população, facilitada pela informalidade de sua realização” (MIRANDA, 2009, p.31).

Enfim, nos dias atuais, a feira é um campo de refugiados do capitalismo como argumenta Sá (2011, p.41):

O comercio da feira está hoje acoplado à dinâmica do capitalismo – que não se mostra capaz de gerar empregos para parte significativa da população e, ao mesmo tempo se desenvolve de modo relativamente distinto a depender da condição geopolítica da região (central ou periférica). Em síntese a feira livre não esta a parte do mundo contemporâneo.

A influência da globalização tornou-se inevitável, através de elementos da revolução tecnico-cientifico-informacional, provocando transformações no mundo do trabalho. Segundo Santos, Passos e Santana (2010, p.5):

A um favorecimento do trabalho abstrato, isto, é mais intelectualizado enfraquecendo a massa trabalhadora menos qualificada com o impacto do desemprego estrutural globalizado, redução dos empregos tradicionais, expansão do setor de serviços, tornando o ambiente de trabalho complexo, fragmentado e heterogeneizado.

Transformação produzida nas relações econômicas e culturais, dentro de um ambiente social que estimula o consumo é típico do capitalismo, nos dias atuais estabeleceram uma nova maneira de atingir todos os

lugares.como argumenta Diniz(2009, p.45).”A dinâmica dessa conjugação de vetores, ligada as especificidades dos lugares, que imprimi reconfigurações sócio-espaciais, embora vinculada a interesse externos ao lugar”.

As interferências globais provocam modificações nos costumes das localidades, causando impactos na economia local, iniciando um processo de desgaste nas relações comerciais que ultrapassa fronteiras, afetando todo setor, sobretudo o de características populares, pois “*Vivemos cercados, por todos os lados, por esse sistema ideológico tecido ao redor do consumo da informação ideologizado*” (SANTOS 2008 p.49)

O sentido crucial do capitalismo é o lucro, obtido de diversas formas desde maneiras mais sofisticadas até as simples, contudo, dentro de uma única possibilidade o consumismo. Dessa forma Bauman (1999, p.92) destaca:

Combinação dos consumidores, sempre ávidos de novas atrações logo enfastiados com atrações já obtidas, e de um mundo transformado em todas suas dimensões econômicas, políticas e pessoais segundo o padrão de mercado e consumo.

A mudança na produção vem conquistando os indivíduos nas escalas locais. As feiras livres que apareceram em um primeiro momento como a gênese do consumo, com o avanço do processo de globalização, as feiras passam a ter um papel secundário, porem, mantendo uma grande relevância nos países emergentes, sobretudo no Brasil, onde as questões fomentadoras da sobrevivência desse modo de produção são relacionadas com o desemprego e as ações culturais.

A feira livre está situada no circuito inferior da economia que tem como principal concorrente os supermercados e outros tipos de comercio vinculados ao circuito superior. Essas atividades dispõem de elementos facilitadores para os consumidores, apresentado a existência de dois modos produtivo do capitalismo como argumentam Santos (1978, p.29):

A existência de uma massa de pessoas com salários muitos baixos ou vivendo de atividades ocasionais, ao lado de uma minoria com renda muita elevada, cria na sociedade urbana uma divisão entre aqueles que podem ter acesso de maneira permanente aos bens e serviços oferecidos e aqueles que, tendo as mesmas necessidades, não tem condições de satisfazer-las.(...) tendo como efeito a existência de dois

circuitos de produção, distribuição e consumo dos bens e serviços.

Nesse contexto, a feira livre tem uma representação cultural no Nordeste brasileiro, tendo em vista as diversas feiras livres bastante difundidas na região que reflete a sua importância na economia dos municípios e na região, devido os diferentes locais ao qual são adquiridos os produtos para comercialização.

2.2 A feira livre: entre o Local e o Global

As feiras livres são dotadas de características próprias da área em que estão estabelecidas levando-se em consideração as relações comerciais entre feirantes e fregueses. Porém, o capitalismo alimenta-se das características locais para valorização do capital, como sugere Oliveira (1997, p.62):

As inovações introduzidas após a revolução científico-tecnológica na robótica, na engenharia genética, nas comunicações, e na informática, durante a década passada, permitiram ao sistema capitalista expandir-se e transformar as condições de produção em todo mundo, impondo-se como referências de cada processo individual e nacional de valorização do capital.

Através de uma releitura do espaço das feiras denota-se um território com enorme diversidade econômica e cultural, tradições e identidade do lugar, como evidencia Santos (2008, p.96):

Território não é apenas o resultado da superposição de um conjunto de sistema natural e um conjunto de sistemas de coisas criadas pelo homem. O território é o chão e mais a população, isto é, uma identidade, o fato e o sentimento de pertencer aquilo que nos pertence.

Dessa forma, a geografia obtém no território revelações para identificar todo o processo de reorganização da vida local sob o auspício da globalização no mundo produtivo. Atualmente é essa a marca essencial de mudanças em muitos territórios. A emergência do mundo globalizado,

modernizando o mundo produtivo produz novas contradições e efeitos impactantes, que mudam a paisagem dos lugares, a vida cotidiana da população e os transforma de acordo com os interesses do capital.

O avanço da globalização sobre o ambiente das feiras livre envolve disputas entre a tradição e a modernidade, fator que realça a configuração de dois modos de produção que busca na cultura se desenvolver com apelos distintos como afirma Albuquerque (2003, p.95):

A feira chega aos dias atuais, quando todos os espaços são globais , como uma rugosidade que resiste aos vetores externos mesmo dialeticamente se transformando aos absorvê-los, ao mesmo tempo em que da a tais modernização toda uma re-significação ao adaptá-las as características e necessidade do meio local.

A feira retrata as possibilidades de convergências entre o local e o global, adequando os espaços, estimulando a participação dos jovens, mantendo a formatação, mas com evoluções na sua configuração econômica, na busca da viabilidade como argumenta Albuquerque (2003, p.96):

O equilíbrio instável, entre dois circuitos também se manifesta no caso da feira. Espaço no qual as relações de concorrências e complementaridade, conduzem a evolução da feira mistura de modernização e resistência, que fazem com que tal espaço seja rugoso mesmo que em constante transformação.

A afirmação de uma aldeia global assenta num discurso ideológico de satisfação das necessidades a partir de uma fabula. Apesar disso, ao nível do território predomina o trinômio Economia/Propriedade Fundiária/Cultura que sustenta as opções das decisões contemporâneas.

As ações realizadas no território produzem junções sem que haja uma preocupação social, típico das práticas capitalistas no atual período.

A feira tem seu território modernizado como forma de manter sua clientela que vêem neste espaço um local atrativo para a integração social e econômico do município, possibilitando intercâmbios entre municípios circunvizinhas, enriquecendo o comércio local. A feira livre é um ponto de encontro, apresentado diversas possibilidades econômicas, acomodando

peças de diferentes classes sociais e culturas, revigorando o território e organizando o seu uso como argumenta Cataia (2003, p.400):

O uso e a organização do território autorizam as ações dos sistemas políticos e econômicos. O movimento e a estrutura global da sociedade são desvendados pelo o uso que os homens e os agentes econômicos fazem do território ao reorganizarem a produção o que evidencia a disputa entre os diferentes grupos.

A emergência deste novo regime de acumulação cria novos espaços de competitividade que reorganiza o sistema da produção do capital, repercute na organização do território ocasionando conflitos sociais das diversas atividades inseridas nas disputas espaciais em virtude da sobrevivência do regime adotado que reúne dentro do mesmo território rugosidade e modernidade.

A pós-modernidade que intensifica a influência por toda periferia, sobretudo entre os jovens, por serem mais acessíveis a globalização:

Quanto mais a vida social se torna mediana pelo mercado global de estilos, lugares imagens pelas viagens internacionais, pelas imagens da mídia e pelos sistemas de comunicação globalmente interligados, mais as identidades se tornam desvinculadas-desalojadas-de tempos, lugares, históricos e tradições específicas e parecem flutuar livremente. (HALL, 2006, p.75)

As transformações eclodem, moldando as aparências locais, abrindo concessões e o interesse global se faz presente, estabelecendo diretrizes de comportamento de culturas antes intocáveis. Este efeito que reúne espaço temporal e identificações culturais ressalta o fenômeno da globalização.

3. A Formação Territorial de Sumé-PB

O município de Sumé-PB localiza-se no semi-árido da Paraíba com uma população estimada de 16.452 habitantes de acordo com o IBGE 2010,

distribuídos em uma área 864km² o que resulta numa densidade demográfica de 19,18 hab/km².

Em 1951, a cidade de Sumé-PB consegue sua emancipação política. Por já existir outra cidade de São Tome, adotou-se o nome de Sumé. Essa palavra é originada vocábulo indígena da tribo Cariri, atribuído pelos índios a um curandeiro que os ensinavam o plantio de varias culturas.

Sumé está situado na Microrregião do Cariri Ocidental, que por sua vez esta contida na Mesorregião da Borborema, conforme a Figura 1.

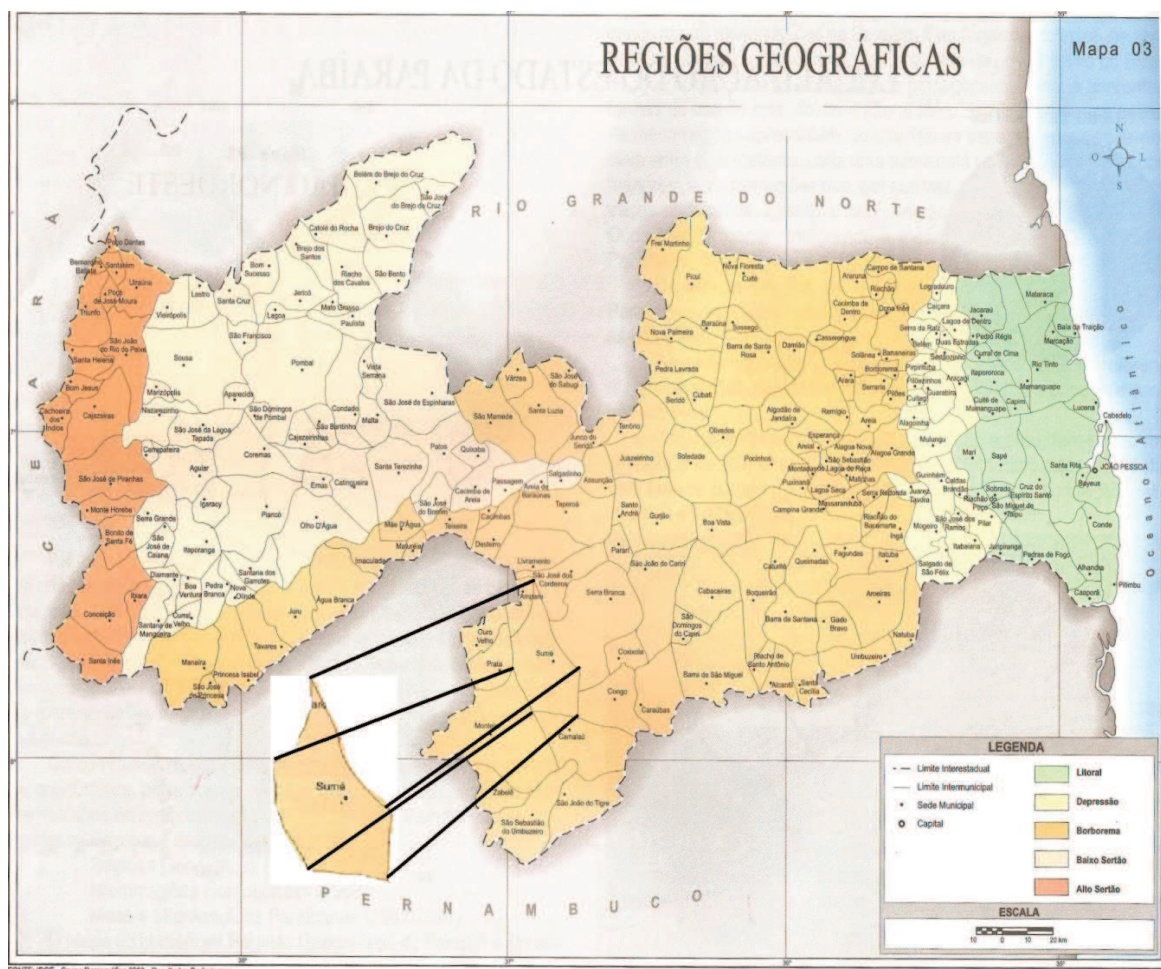


Figura 1 - Mapa da Paraíba. Fonte: Atlas Abril 2011

Sumé-PB dista 250 km da capital da Paraíba, João Pessoa, e é cortado pela BR-412, entre as coordenadas latitude 7°40' 13'' e longitude 36°52' 58'' w, com temperatura media anual de 25°C e 533m de altitude com amplitude térmica de 11°C.

A vegetação predominante é a caatinga xerófila com floresta cadufoliadas. O produto interno do município atingiu R\$ 66.237,574 mil (IBGE, 2008), distribuídos entre os setores de serviço, agropecuária e indústria conforme a figura (2).

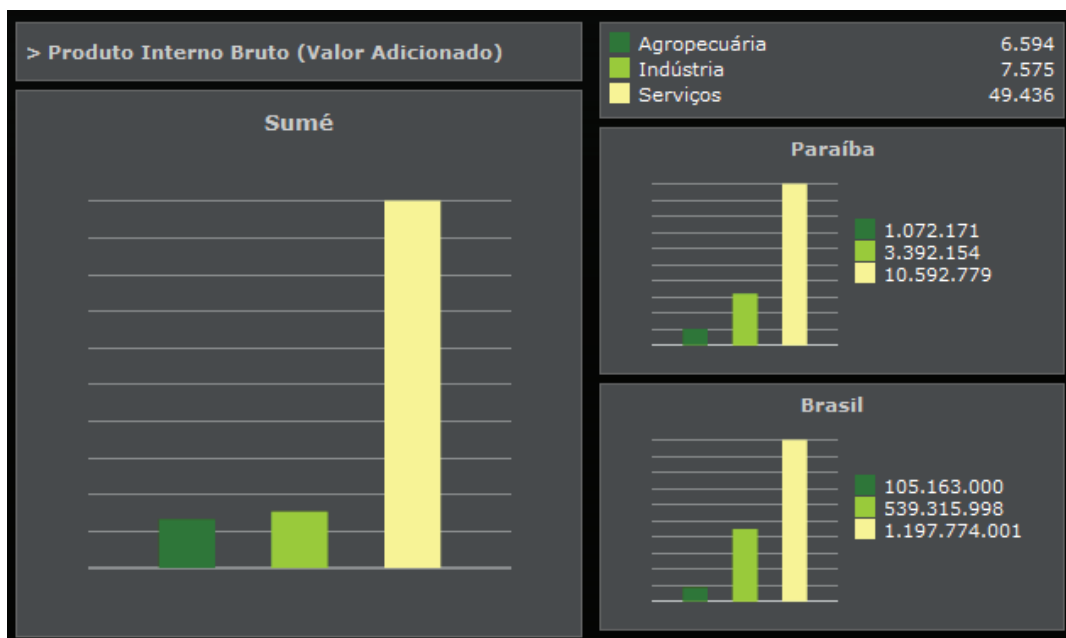


Figura 2. Produto Interno Bruto de Sumé-PB. Font: IBGE, 2008

A renda per capita de R\$ 3.917,53 e um IDH de 0,658 é comum para a região e o município de Sumé tem no poder municipal através dos recursos do Fundo de Participação dos Municípios (FPM) a principal fonte de renda para a sustentação da economia local.

4. As Especificidades da Feira Livre de Sumé

4.1 Redefinições urbanas do comércio sumeense

O município de Sumé, por sua localização geográfica centralizada no Cariri Ocidental, facilita aos demais municípios do Cariri o acesso a feira, e por ter sua feira livre realizada exclusivamente a segunda-feira, atrai um fluxo de pessoas e mercadorias de valores relevantes, tornando-se uma das mais

importantes da microrregião. Na figura 3, vê-se a área onde estava localizada a antiga Feira Livre de Sumé e a área para onde foi transferida (Mercado Novo).



Figura 3. Localização do Mercado Antigo e do Mercado Novo de Sumé-PB. Fonte:www.sume.pb.gov.br

A feira de Sumé possui cerca de 220 feirantes trabalhando em bancas, 20 deles nas tarimbas e 6 em fiteiros. Aproximadamente 246 famílias sobrevivem dessa atividade. Nesse mercado são comercializados produtos hortifrutigranjeiros (ver figura 4). Destaca-se, também, nesse espaço a implantação de um supermercado, o que vem desvirtuando as características populares da feira.



Figura 4. Dependências do mercado local onde são comercializados produtos hortifrutigranjeiros. Fonte: Ivanildo Ribeiro Neco, junho 2011.

A sociedade capitalista que tem o lucro como fruto de sua existência, possibilita a feira ter que buscar atrativos para conquistar o consumidor. Por isso, a feira como relata Albuquerque (2003, p.110) “não parou no tempo, absorvendo modernização do presente as quais são adaptadas a estrutura preexistente”.

Fato que exemplifica a globalização na feira livre de Sumé é a transferência de sua localização, antes localizada as margens da avenida 1º de Abril, principal via do município. Hoje a feira está localizada duas quadras acima o que fez a feira perder clientela para os mercados formais que ocuparam aquele espaço de melhor localização geográfica e de valor cultural inimaginável, e super valorizado economicamente por ser a área de metro quadrado mais caro da cidade. “Como expõem um feirante “antes da mudança a feira prosseguia até 18: hrs hoje as 15: hrs praticamente não há mais compradores”.

As formas adotadas pelo mercado desde o seu surgimento na década de 1970 até os dias atuais com sua nova configuração, sendo abandonado por 30 anos, sem reformas consideráveis na sua estrutura. Nos dias atuais, é palco da construção de um centro de comercialização e de artesanato, divulgado pelo poder público como shopping Center para a população da cidade. Para a Associação Brasileira de Shopping-centers ABRASCE, um shopping caracteriza-se por ser

Um centro comercial, planejado sob administração única e centralizada e que; seja composto de lojas destinadas a exploração de ramos diversificados ou especializado de comercio e prestação de serviços em sua maior parte objeto de locação e que ofereça a seus usuários estacionamento permanente. (BIENENSTEIN, 2010, p. 6)

Nas figuras 5 e 6, vê-se a modernização do centro urbano da cidade, em seus circuitos econômicos.



Figura 5. Mercado Público de Sumé-PB na década de 1970, Fonte: www.sonielson.com. Acesso: maio de 2011.



Figura 6. Local do antigo mercado público de Sumé-PB. Fonte: Ivanildo Ribeiro Neco, junho 2011

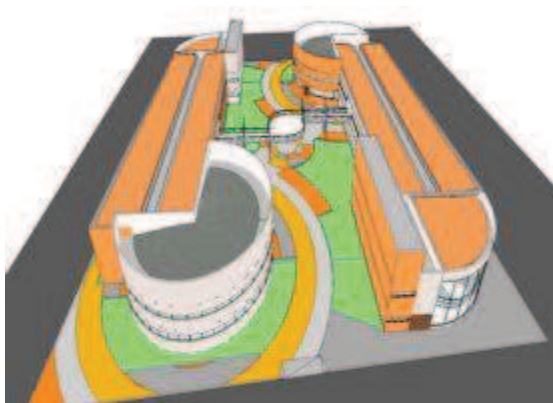


Figura 7. Projeto do centro de comercialização e de artesanato Sumé. Fonte: www.sume.pb.gov.br



Figura 8. Novo mercado público de Sumé. Fonte: Ivanildo Ribeiro Neco, junho de 2011

As plausíveis modificações na distribuição do território dos feirantes, não só pela mudança do local, mas por sua formação geográfica atual como declara o feirante *“a feira está dispersa, não estamos em volta do mercado e sim a frente dele”*. Essa observação do feirante que trabalha na área externa é explicada por haver poucas entradas no mercado, apenas três, ou seja, não há integração dos feirantes nesta nova organização territorial da feira livre.

Sendo assim, o local destinado aos feirantes que atuam na parte exterior do mercado encontra-se de certa forma abandonado pelo poder público que, embora receba impostos pelo uso do espaço, não atua

adequadamente na fiscalização da organização das bancas, sobretudo nas invasões das áreas demarcadas. Nesse sentido, Rodrigues e Antonio (2005, p.249) complementam afirmando que,

ao se apropriarem dos espaços, os sujeitos sociais constroem os territórios, imbuídos de relações de poder. Essa apropriação acontece de forma simbólica e concreta, e pode ser individual ou coletiva.

A organização estabelecida pelo órgão público prejudica o processo de venda, desde formatação do mercado que restringe a integração dos diversos produtos comercializados na feira, com poucas áreas de acesso ao interior do mercado e dispersando de forma desorganizada o espaço dos feirantes que atuam na área externa. Conforme a figura (9) expõe.



Figura 9. Estacionamento do mercado. Fonte: Ivanildo Ribeiro Neco, junho 2011

Essa forma de organização afasta a parte interna da externa, e não envolve o consumidor com atrativos inerentes aqueles já previamente decididos por ele no momento de efetua suas compras, ou seja, na elaboração do projeto da nova feira de Sumé não houve preocupação com o verdadeiro sentido da sua existência que é o comércio.

4.2 Perfil dos Feirantes

Ao buscar informações para construção de um trabalho coeso identificado com a realidade da feira livre de Sumé-Pb, fez-se necessário a aplicação de questionário para 12% dos feirantes que atuam na área interna e externa do mercado, sendo focado a transferência do local da feira e os motivos para exercício da atividade. Foram entrevistados 30 feirantes num total de 246, número total informado pelos fiscais da prefeitura.

Neste aspecto, para entender o circuito inferior e como ele é construído foi levantado o seguinte questionamento a respeito do grau de escolaridade dos feirantes, demonstrado na figura (10).

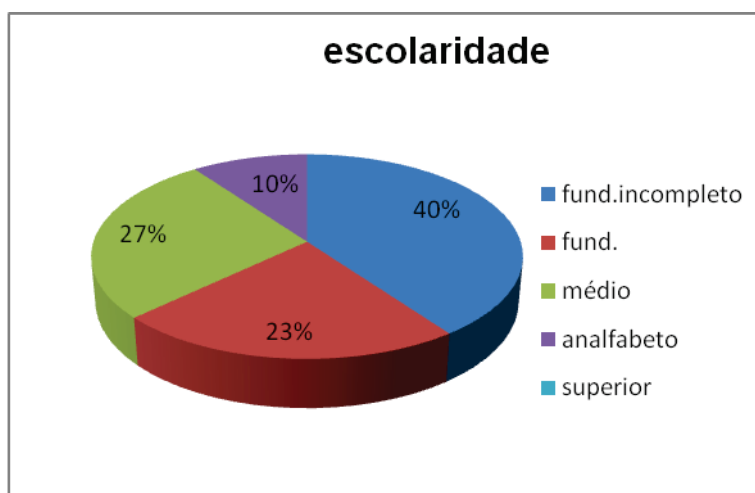


Figura 10. Nível de escolaridade dos feirantes. Fonte: Ivanildo Ribeiro Neco, junho de 2011

Os resultados apontam uma baixa escolaridade que caracteriza uma população que não teve oportunidade para qualificar-se, e vêem na feira livre possibilidades de sobrevivência.

Dessa forma, a feira como elemento do circuito inferior, torna-se elemento importante tanto no aspecto sociocultural como econômico absorvendo as mazelas do circuito superior que impõe rigorosos processos seletivos na absorção da mão de obra. A feira livre, em contrapartida, acolhe as diversas formas rejeitadas pelo sistema capitalista, revelando-se um amplo mercado para os momentos de crise econômica. São diversos os motivos pelos quais as pessoas procuram exercer atividades econômicas na feira conforme apresentado na figura (11).



Figura 11. Motivo dos feirantes buscarem trabalhar no Mercado Público de Sumé-PB. Fonte: Ivanildo Ribeiro Neco, junho de 2011

Em razão do desemprego, a feira oferece a 57% dos feirantes uma fonte de renda única, enquanto 43% têm fonte de renda alternativa, distribuída principalmente entre aposentadorias, serviço público e pequenas oficinas. Pode-se destacar a tradição familiar e o empreendedorismo neste ambiente bastante diversificado.

Embora ocorra inchaço nas feiras livres em tempo de crise, o Brasil atravessa um período de crescimento econômico estável, entretanto cerca de 20% dos feirantes entrevistados trabalha entre 1 e 5 anos como feirante, 26% de 5 à 10 e 54% a mais de 10 anos, o que de certa forma acompanha uma contradição típica do capitalismo, aprofundada pela globalização. É o que se vê na figura (12).



Figura 12. Número de anos dedicados a atividade de feirante, segundo os entrevistados.
Fonte: Ivanildo Ribeiro Neco, junho de 2011

Outro ponto é a limitação econômica do município de Sumé-PB que produz 30% dos produtos comercializados, principalmente na agricultura familiar, que praticamente não oferece produtos para comercialização na feira livre da cidade. Cerca de 70% das mercadorias são oriundas de outros municípios, sobretudo do Estado de Pernambuco, o que demonstra a importância das feiras para economia da região.

O grande número de feirantes são oriundos de outros municípios como Serra Branca e Monteiro, vizinhos ao município de Sumé, pode-se salientar a presença de pessoas de Campina Grande-PB, localizada a 136km e Caruaru-PE, distante 140km (Ver a figura 13).

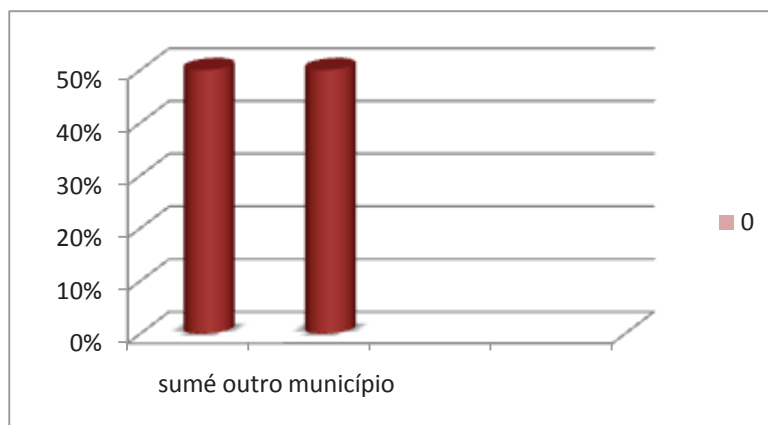


Figura 13. Gráfico que retrata a origem dos feirantes. **Fonte:** Ivanildo Ribeiro Neco, junho de 2011.

Como toda feira tem suas particularidades a feira livre de Sumé sofreu um processo de mudança na sua localização dentro do município. Anteriormente localizada em área central da cidade, atualmente passa por uma nova fase da sua existência motivo de muita polemica. Por isso, procurou-se avaliar os impactos desta transferência conforme apresentado na figura 14.

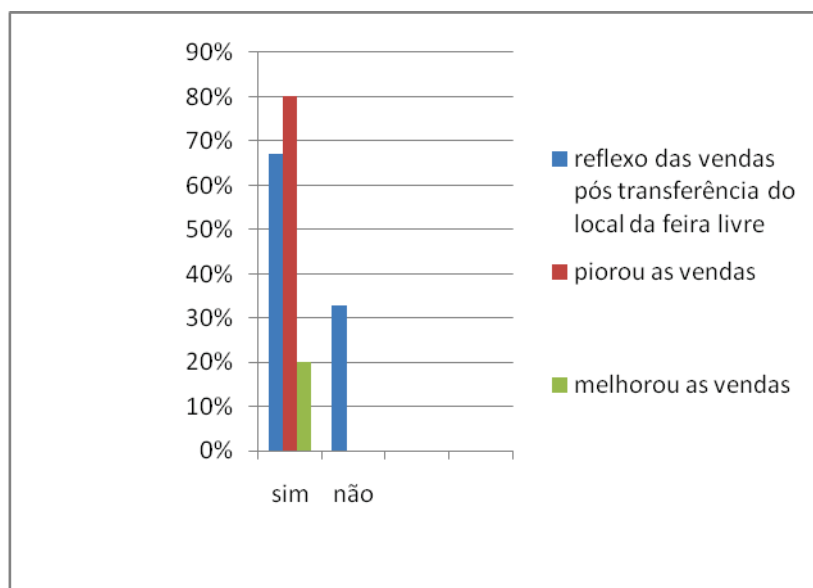


Figura 14. Gráfico retratando o impacto nas vendas após a transferências da feira para o novo local, segundo relato dos feirantes. Fonte: Ivanildo Ribeiro NECO junho 2011

Pode-se dizer que os feirantes se sentiram atingidos pela mudança, segundo 67% dos entrevistados, enquanto apenas 33% não observam tais impactos. No entanto, cerca de 80% dos que afirmam ter havido impactos se sentem prejudicados nas suas vendas, ou, seja piorou. Enquanto 20% consideram que melhoram suas vendas.

A feira perdeu clientes para o circuito superior. Ao serem questionados se concordavam ou não com a mudança do local, 50% dos entrevistados respondeu que sim e 50% que não. Esses números mostram um equilíbrio entre uma boa infra-estrutura e maior lucratividade.

4.3 O Papel da Feira Livre

O ambiente e o discurso proporcionado na feira são resultantes de embate político, esportivo e repercuti fatos ocorridos na microrregião e no mundo. Simultaneamente a feira desenvolve seu papel social, acarretando a realidade, constituindo na paisagem urbana da cidade uma serie de modificações principalmente no aspecto econômico.

A existência da feira como refugio ressalta o desequilíbrio econômico causado pelo sistema capitalista afere ao grande numero de feirantes atuando de forma ilegal, ou seja, vendendo produtos pirateados, reflete o desemprego ocasionado pela globalização e as possibilidades ilegais que a própria globalização traz a feira livre. Observa-se uma distribuição dos feirantes que vende nesta área externa utensílios de diversos segmentos, sobressaindo à comercialização de roupas calçados e DVDs pirata expressada na (Foto 4) .



Figura 15. Venda de DVDs pirata no espaço da Feira de Sumé-PB. Fonte: Ivanildo Ribeiro Neco, junho de 2011

A administração do comércio popular é feita de maneira simples, baseada numa clientela fiel, o que facilita aos meios mais tradicionais do comercio popular a confiança do vendedor no cliente e uma relação pautada na experiência e vivência cotidiana. Utiliza-se o crediário simples através de cadernos de anotações, sem qualquer garantia de pagamento, a não ser a confiança estabelecida entre as partes envolvidas

Portanto, a globalização levou novas práticas econômicas à feira livre local que poderiam ser consideradas dentro de uma visão miltoniana como esquizofrênicas, tendo em vista tamanha transformação do ambiente da feira. É o caso da oferta de produtos modernos para as novas gerações, adequando-se às novas demandas do mundo contemporâneo.

5 Considerações Finais

O espaço geográfico expressa relações sociais e a feira livre de Sumé-PB sofre os impactos gerados pela mudança do seu local tradicional. Apesar da nova estrutura, a feira de Sumé encontra-se em declínio econômico pela falta de diálogo entre os feirantes e a Prefeitura desde sua configuração há cinco anos.

Dessa forma, retomamos o pensamento Santos (2008) em sua obra “Por uma Outra Globalização” ele aponta a possibilidade de uma globalização mais humana, destacando a perversidade da globalização atual mediante os problemas sociais gerados enquanto o poder público se preocupa com os aspectos estéticos da cidade.

A ação do poder público municipal favorece os agentes hegemônicos da globalização, modificando a paisagem local. No entanto, o abandono do antigo mercado público e a construção em seu lugar de um novo mercado, são atos do poder público em favor do circuito superior, que vêem na construção de um “shopping” patrocinado pelos cofres público a oportunidade de lucros e valorização dos seus estabelecimentos comerciais localizados na avenida 1º de Abril, onde antes estava situado o mercado público do município.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Antônio. **Sucessões Coexistência do Espaço Campinense na Sua Inserção ao Meio Técnico-Científico-Informacional**. 2003. 230f Dissertação (Mestrado em Geografia). UFPE. Recife-PE, 2003.

BAUMAN, Zygmunt. **Globalização e as Conseqüências Humanas**. 1 ed. Rio de Janeiro: Ed zahar 1999.

BIENENSTEIN, Glauco. **Shopping Center: o fenômeno e sua essência capitalista**, p 1-17. 2010

CATAIA, M. A alienação do território. In: Souza, M. A. (org). **Território Brasileiro: usos e abusos**. P. 397-407. Campinas: Edições Territorial, 2003.

DANTAS, Geovany Pachelly Galdino. **Feira de Macaíba-RN: Um estudo de modificações na dinâmica socioespacial**.2007. 209f Dissertação (Mestrado em Geografia) UFRN. Natal- RN..

DINIZ, Lincoln; CASTILIO, Cláudio Jorge Moura de. Face Atuais do Espaço Comercial DE Campina Grande: Alguma Colaboração sob a Consistência de Formas Modernas e Tradicionais”nova” Dinâmica Socioespacial. **Revista de Geografia**. Recife, v. 26 n 2, p 45, maio agosto de 2009.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. 11ªed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

MIRANDA, Gustavo Magalhães Silva. **A Feira na Cidade: Limites e Potencialidade de uma Interface Urbana nas Feiras de Caruaru (PE) e de Campina Grande-PB**. 2009. 191f. Dissertação (Mestrado em arquitetura e urbanismo). Recife-PE, UFPE, 2009.

NECO, Francisco Ribeiro. **Relação Espaço Saúde no Município de Sumé-PB: Uma análise dos Fatores Ambientais da Dengue e Distribuição Sócio-espacial**. Monografia de (Graduação em Geografia). UEPB/CEDUC/DG. Campina Grande-PB, 2009.

OLIVEIRA, Patrícia. **Globalização e Espaço Latino-Americano**. 3. ed. São Paulo, Ed Hucitec, 1997.

SÁ, Marcio. **Feirantes**. Recife: Ed universitária da UFPE, 2011.

SANTOS, Milton. **Espaço Dividido**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1979.

_____. **Por Uma Outra Globalização: do pensamento único a consciência universal**. 15 ed. Rio de Janeiro: Record, 2008.

SANTOS, Mabel pereira, PASSOS, Gilliard dos Santos, SANTANA, Maria Josenilde Bispo. **Trabalho Informal**: A Questão dos Vendedores da Feira de Itabaiana – SE, Artigo apresentado a XI jornada do trabalho. UFPB de 12 à 15 de outubro, João Pessoa- PB 2010.

SILVA, Lemuel Rodrigues e Junior, Orivaldo Pimentel Lopes. Globalização, de sua Gênese Mercantilista ao Neoliberalismo Burguês. **Revista Eletrônica Inter Legere**, n. 03 jul/dez 2008.